

VI - O DIÁLOGO, A INTERSUBJETIVIDADE E A MENTE

SENTENÇAS EM TURNOS CONVERSACIONAIS:
UM CASO DE 'DOUBLE-BIND' SINTÁTICO¹

Dorothea Franck
Universidade de Amsterdan

I. Introdução

O principal objetivo deste artigo é discutir a questão: "que tipo de objetos devem ser considerados sentenças, para que nossa definição seja compatível com os pressupostos básicos da análise conversacional², ou, em termos mais gerais, com a análise da linguagem tal qual ela ocorre em sua forma mais básica, isto é, enquanto produção espontânea, improvisada e interativa da fala em contextos sociais?". Enquanto o objeto da descrição lingüística e da reflexão filosófica sobre a linguagem for exclusivamente a linguagem produzida e preservada de forma escrita, a própria linguagem aparecerá como um objeto completamente diferente daquele que descortinamos se basearmos nossa noção de linguagem na linguagem falada, ou seja, em conversações gravadas. O modo de preservação do objeto da pesquisa tem um efeito 'formativo' sobre nossa concepção do próprio objeto. A partir da invenção do gravador, não há mais desculpa para tomarmos a linguagem escrita como fonte par excellence de dados lingüísticos. A disponibilidade de meios de preservação do som pode ser vista como base de uma importante reviravolta na teoria lingüística, isto é, em nossa concepção da linguagem. Mais especificamente, pretendo examinar um certo tipo de sentenças que se desviam dos padrões gramaticais 'normais' (isto é, escritos), sendo porém ocorrências muito frequentes e familiares na linguagem falada. Este tipo de sentença facilmente escapa à atenção do lingüista, na medida em que sua principal fonte de dados são sentenças escritas, produzidas por ele mesmo. Isto porque não temos intuições introspectivas adequadas de nossa própria competência lingüística oral.

II. Estruturas sentenciais com 'double-bind'

Começarei com um exemplo escrito, embora não inventado por mim. Sentada em um avião, minha atenção foi despertada por um pequeno detalhe, que devo ter visto muitas vezes antes, sem porém notá-lo conscientemente. No tipo de avião em que me encontrava, os sinais "Não fumar" e "Apertar os cintos" estavam colocados da seguinte maneira:

- (1) NO SMOKING PLEASE FASTEN SEAT BELTS
 (não fumar por favor apertar os cintos)

Quando os dois estavam ligados, eu lia o please como associado a no smoking, já que a distância ente please e no smoking era menor que a distância entre please e fasten seat belts. Nada de especial quanto a isto. Porém, depois da decolagem, o sinal no smoking foi desligado, permanecendo o please. Nesse momento, please pareceu-me claramente associado a fasten seat belts:

- (2) PLEASE FASTEN SEAT BELTS

Pareceria anti-intuitivo supor que eu me havia enganado em minha leitura de (1), isto é, ao associar please a no smoking. Logo, devemos supor que o please em (1), embora fisicamente idêntico ao please em (2), mudou de interpretação, isto é, de 'aliança', de (1) para (2). Esse processo de mudança de categoria ou de aliança sintática de um elemento linguístico é uma operação fundamental na interpretação dos seguintes exemplos, tomados de conversações reais³:

- (3) /o locutor havia começado a falar sobre sua infância; mas uma breve digressão precede a presente enunciação. Das 'isto' refere-se a um certo acontecimento político/

das war / also im Jahre 1907 / bin ich geboren
 'isto foi / assim no ano 1907 / sou eu nascido'

- (4) /numa conversação sobre animais, o locutor contou uma história sobre um passarinho com uma asa quebrada. O enunciado que se segue é precedido por "quanto trabalho por causa de um passarinho tão pequeno"/

maar 't bestaat wel /dus de dierenambulance / komt 't halen
 'mas ele(a) existe / assim a animal-ambulância / vem pegá-lo'

- (5) /Na mesma conversação, fala-se de um certo tipo de insetos, os "pissebedeen"/
 die lopen ook altijd / bij ons in de slaapkamer / komen ze over de drempel
 'eles também sempre rastejam / em nosso quarto de dormir / vêm eles pela soleira'

- (6) /Na mesma conversação, um outro locutor, falando a respeito de ratos na casa onde se realiza a conversação; a enunciação precedente foi uma pergunta, de outro locutor: "Ah, então você realmente os vê correndo por aí regularmente?"/
 ja ik zag nog / een een keer / liep-t-ie zo hier langs heel schattig en toen
 haalde ik iets weg en toen

sim eu vi / uma vez / ela correu por ali realmente bonitinha e eu pus alguma coisa fora e então⁴

Todos estes exemplos compartilham uma característica estrutural que pode ser descrita como se segue:

Distinguimos três partes nas enunciações acima: A, B e C, cuja separação é indicada pelos traços oblíquos. A parte intermediária, B, está sintaticamente relacionada tanto com A como com C, embora por sua natureza sintática própria B só possa estar relacionada com uma das duas de cada vez. Tanto A-B como B-C seriam sentenças gramaticalmente corretas, enquanto que A-B-C não o é (segundo os padrões normais). B é a parte mais interessante, do ponto de vista estrutural. Ela é o ponto de inflexão, onde a sentença começa a continuar "por um caminho diferente". Durante a produção/recepção deste enunciado, B é inicialmente ouvida como uma continuação normal de A, isto é, como a segunda parte da construção A-B; mas então, depois que C é enunciada, B passa a ser compreendida como a primeira parte da construção B-C. Já que B está ligada tanto a A como a C, enquanto que gramatical e logicamente a aliança com A exclui a aliança com C e vice-versa, chamarei estas construções de estruturas com double bind. Poder-se-ia dizer que estes são casos em que A é um começo equivocado, que é subsequentemente corrigido, isto é, substituído por B-C. Mas então, como explicar que em muitas dessas sentenças não se encontram indícios de correção -- gaguejar, palavras incompletas, eh's e oh's, que servem geralmente para marcar as auto-correções; nem se observa que o falante inicia uma correção⁵? Os locutores, ademais, não parecem tratar essas sentenças como problemáticas, nem necessitando correção. Mesmo nos casos onde há uma repetição em B, como no exemplo (6) een een, não há qualquer indício de que isto deva ser tomado como um novo início que seria o início verdadeiro, já que as repetições não têm por sua única função a correção, mas servem também, por exemplo, para indicar uma busca de palavras, como marcadores de ênfase, etc. As repetições podem ser interpretadas estruturalmente de duas maneiras: ou como uma co-ocorrência acidental de dois elementos idênticos em posições sintagmáticas diferentes (como em (7)), ou como uma figura de linguagem com valor próprio, caso em que se atribui uma só categoria sintática aos elementos repetidos, quando são então interpretados como repetição em um outro nível -- por exemplo, como mecanismos poéticos, retóricos, psicológicos ou conversacionais, tendo funções e efeitos específicos (como em (8)):

(7) I Knew that that was nonsense

Eu sabia que que aquilo era sem sentido

(8) I wish I had never never never ever sympathized with her

Eu gostaria que eu jamais jamais jamais nunca tivesse simpatizado com ela

Devido a esta possibilidade de ouvir duas formas semelhantes que se su-

cedem como repetições 'genuínas', poderemos considerar mesmo as sentenças que contêm repetição completa de B (e que poderiam, portanto, ser consideradas como duas sentenças independentes, A-B e B-C), como candidatas possíveis a membros da classe de enunciados com estrutura double-bind, como em:

- (9) ja nee dan hoor je ze / eerst eerst / hoor je ze hele tijd zo'n beetje rommelen in de gang (...)
'então você escuta eles / primeiro primeiro / você escuta eles todo o tempo fazendo bagunça no corredor (...)

Observe-se que em (3) e (4) há uma outra ambigüidade estrutural. Os advérbios sentenciais also e du localizam-se na fronteira entre A e B, e é impossível e inútil decidir se eles deveriam ser ouvidos como parte de A ou como o começo de B. Eles são conetivos conversacionais, grosseiramente traduzíveis por assim, que ligam ou A-B ou B-C, ou ambos, a um contexto anterior. Isto significa que esses advérbios estão, eles mesmos, numa posição de double-bind, isto é, que eles estão numa posição intermediária relativamente a A e B, da mesma forma que B, relativamente a A e C. Esta observação se coaduna com o significado conetivo destas palavras, que as faz operar externamente ao escopo dos significados específicos das várias orações subordinadas nas quais ocorrem.

Uma categorização dos exemplos de double-bind apresentados como sendo exemplos de algum mecanismo de correção não afetaria o argumento central deste artigo; por isso não insistirei mais nessa questão. A característica essencial destas construções sentenciais é que o ouvinte tem que modificar a análise do elemento B à medida que a sentença prossegue, sem que a necessidade desta revisão seja explicitamente marcada (como no caso de inícios equivocados), e sem que se trate de um caso de re-análise sintática, em que uma primeira hipótese, equivocada, tem que ser cancelada e substituída por outra correta. Tal tipo de revisão ocorre, por exemplo, quando a primeira frase nominal que aparece é tomada como o sujeito da sentença, tornando-se claro depois que se trata na verdade de seu objeto. As sentenças com double-bind empregam o elemento B duas vezes; isto quer dizer que a frase A-B não é realmente cancelada retrospectivamente (como no caso de correções genuínas). Tampouco A é reutilizada como parte da sentença final (B-C, neste caso), como no caso anteriormente mencionado de re-análise.

Conseqüentemente, o status semântico ou a validade de A, ou melhor de A-B, torna-se problemático logo que a sentença avança para além de C. Entretanto, embora tenhamos uma vaga intuição de que B-C de alguma forma vence A-B em termos de suas implicações para os enunciados subseqüentes, A-B não é retrospectivamente invalidado em seu valor assertivo (ou qualquer outro valor que tenha). Em (3), ambas as afirmações, A-B ("isto ocorreu em 1907"), e B-C ("eu nasci em 1907") coexistem como afirmações relevantes e verdadeiras, ainda que B-C pareça adquirir um peso maior, já que a última palavra sempre tem impacto mais direto sobre o enunciado seguinte.

Podemos distinguir dois tipos básicos de sentença com estrutura double-bind. O primeiro, que chamo de 'cabeça de Janus', se caracteriza pelo fato de A e C serem elementos diferentes. Os exemplos (1), (3), (4) e (6) são deste tipo. As cabeças de Janus podem ser subdivididas em duas classes: (a) enunciados em que B muda de aliança, de A para C, mas conserva essencialmente o mesmo significado e/ou categoria sintática; (b) enunciados em que B muda de significado e/ou categoria sintática quando da transição de A a C. Os exemplos (3), (5), (6), e (9) exemplificam o primeiro caso; (4) e, mas distintamente, (11) e (10) exemplificam o segundo:

(10) /em seqüência imediata ao exemplo (9) /

eerst hoor je de hele tijd zo'n beetje rommelen in de gang / die poezen / zitten ze d'r mee te spelen

'primeiro você escuta eles todo o tempo fazendo bagunça no corredor / esses gatos / eles estão brincando com eles'

Neste exemplo, de poezen 'estes gatos' pode ser ouvido como um complemento verbal de je hoort 'você escuta' deslocado para a direita, isto é, como uma especificação posterior da referência do primeiro ze 'eles' desta sentença. Depois, você o ouve como uma frase nominal deslocada para a esquerda, à qual se refere o segundo ze 'eles'. Desta forma, de poezen passa da posição de objeto à de sujeito, ambas tanto catafórica como anaforicamente vinculadas as duas ocorrências de ze.

(11) en elke keer vond ik eh had ik bovenin / allemaal spullen / stonden onderin

'e cada vez (que) eu achei uh tinha eu lá em cima / todos os tipos de coisa / estavam lá em baixo'

Neste caso, B, allemaal spullen, é primeiro o objeto de had ik 'eu tinha', e depois o sujeito de stonden 'estavam', um caso claro de mudança da categoria sintática de B.

O outro tipo básico de sentenças com double-bind é um tipo de sentença muito freqüente e aceito como 'normal' na linguagem falada.

Chamo-o de 'construções especulares'. Trata-se de construções simétricas, com B como seu eixo, já que A e C são literalmente ou pelo menos semanticamente idênticas. C frequentemente aparece, em alemão ou inglês, com ordem inversa de palavras, o que serve para salientar a simetria da construção:

(12) Ich sag / zuerst / sag ich "überhaupt nichts"

'Eu digo / primeiro / digo eu absolutamente nada'

O caso (9) é outro exemplo de construção especular. Em (5), A e C não são literalmente idênticos, mas são semanticamente sinônimos, neste contexto, de modo que podemos classificar este exemplo como uma construção especular ao nível semântico-

co. Já que a equivalência semântica é um problema difícil, a linha demarcatória entre construções semanticamente especulares e construções do tipo "cabeça de Janus" é difícil de traçar.

As construções especulares são tão comuns na linguagem falada, que podem ser consideradas parte integral da linguagem informal. Pode-se imaginar que é a analogia com essas construções que explica a relativa aceitabilidade das sentenças "cabeça de Janus", que são gramaticalmente muito mais 'esquisitas'.

Tiremos uma primeira conclusão geral destas observações, antes de passar à análise mais detalhada de alguns exemplos. Em vez de analisar as sentenças como produtos terminados da atividade da fala, de uma perspectiva post factum, parece mais cabível, à luz de nossas observações, tratá-las como processos que se desenrolam no tempo. Podemos evitar atribuir às sentenças, na qualidade de lingüistas, arbilgidades abstratas ou estruturas mal formadas, que são, ambas, formas de descrever os fatos que não coincidem com as intuições que temos como falantes da língua. Para isso, basta que nos coloquemos na posição de um ouvinte (que é onde estamos, de qualquer forma) e percebamos a enunciação como se fôssemos um 'observador móvel', deslocando-se ao longo do fluxo da fala e produzindo a todo momento hipóteses de compreensão, que se modificam e variam de acordo com o ponto atingido pela enunciação.

Isto não implica que as interpretações da mesma enunciação, que competem entre si, são igualmente válidas. Os limites da sentença são efetivamente um lugar no qual uma interpretação é fixada, provisoriamente, e onde o fluxo contínuo da fala é subdividido em unidades discretas, às quais estruturas hierárquicas podem ser atribuídas. Os exemplos dados mostram que o tempo não se paraliza mesmo no interior de cada sentença. Eles também mostram que uma análise posterior de partes de uma sentença não invalida necessariamente todas as anteriores. A coexistência pacífica é possível, em alguns casos.

III. Funções Contextuais

Examinemos agora algumas das propriedades mais específicas das sentenças consideradas. Se supusermos que o uso da estrutura de double-bind não é meramente acidental, será possível descobrir circunstâncias em seu contexto de uso que permitam uma explicação funcional?

Para responder a esta pergunta, tenho que incorrer numa breve digressão a respeito da relação entre a estrutura sentencial e o sistema de turnos em uma conversação, já que a maior parte das funções que vou apresentar estão intimamente relacionadas com a inter-dependência entre estes dois níveis de organização do discurso. Primeiramente, poderíamos perguntar-nos se a sentença é uma unidade realmente relevante para a organização. Acho que uma breve inspeção de dados conversacionais confirma que as sentenças ou componentes sentenciais (incluindo formulações elípticas, em alguns contextos) são efetivamente unidades operativas, não somente para análise

lingüística, mas para os próprios participantes. Entretanto, a sentença, enquanto unidade, é também extremamente problemática, e isso, novamente, não só para o linguista, mas também para ouvintes e falantes.

Na qualidade de participantes da comunicação oral, não podemos continuar a agir como fazíamos nas aulas de latim do ginásio: antes de traduzir uma sentença, costumávamos primeiramente procurar o próximo ponto final, e então percorrer a sentença de um lado a outro, tentando solucionar o quebra-cabeças representado por sua estrutura. Ao empregar a linguagem oralmente, em uma situação de interação, temos que desempenhar essas tarefas ao mesmo tempo: determinar a extensão da presente sentença ou componente sentencial, a fim de saber o que pertence à unidade que está sendo construída, e, ao mesmo tempo, analisar a estrutura e o significado da unidade presente. Evidentemente, a primeira tarefa só pode ser conduzida com a ajuda da segunda, e vice-versa. O fato de que isto é uma missão complexa para o ouvinte, exigindo adivinhação e classificações prematuras pode, ainda por cima, ser explorado de formas enganosas e elegantes, como no caso das estruturas com double-bind.

Conseqüentemente, os linguistas têm que encarar as sentenças não apenas como unidades no tempo, mas também como unidades-a-serem-descobertas enquanto ainda prossegue sua produção.

De que forma isto se relaciona com a questão da análise da conversação? As sentenças não são apenas unidades operativas para a organização interna de seu significado, mas também o são ao nível da organização do próprio falar, sobretudo no que diz respeito à administração da tomada de turnos.

A possibilidade de utilização de estruturas sentenciais para este fim provém das seguintes características:

(i) Possibilidade de extrapolação da unidade que está sendo construída; mais especificamente, de elementos estruturais ausentes, antes da completação. Isto é possível através da atribuição de estruturas hierárquicas ao fluxo linear da fala em andamento ⁶.

(ii) A característica inversa é também necessária: trata-se da abertura da estrutura sentencial. Em princípio, as unidades sentenciais são indefinidamente repetíveis; isto torna impossível a predição segura de algum ponto necessário de conclusão.

Devemos lembrar-nos que a segmentação na língua falada difere consideravelmente do uso da pontuação em língua escrita. A segmentação baseada exclusivamente em fatores sintáticos chega apenas aonde a extrapolação de elementos estruturalmente necessários chega, o que corresponde muito mais a uma estrutura frasal mínima do que a sentenças extensas, com acréscimos facultativos. A intonação, os gestos, o olhar, e outros fatores, fornecem indícios essenciais para a segmentação, mas eles são muito mais complexos, diferenciados, e vagos do que as poucas opções oferecidas pela pontuação na linguagem escrita. O dilema entre estes dois princípios aparentemente contraditórios é significativo para o emprego de sentenças na conversação. Mas este 'dilema' pode ser também um curso estratégico valioso, e não apenas um problema.

As sentenças com double-bind mostram como esse recurso pode ser explorado.

Vejam novamente o exemplo (3):

(3) Das war also im Jahre 1907 bin ich geboren

Esta sentença é produzida em uma conversação animada entre seis pessoas, à mesa de jantar. O locutor começara a falar sobre sua infância, e tinha dito que nascera na China, no mesmo ano em que os homens chineses tinham cortado seus rabichos. Quando uma das ouvintes perguntou em que ano isto tinha ocorrido, o locutor, inicialmente em tom de brincadeira e flertando, recusou-se a responder, desenvolvendo-se então uma pequena digressão jogosa, relativa à "chocante ausência" do rabicho do locutor (entre outras coisas). Neste momento é que é produzido o enunciado (3), de forma que *das* isto refere-se ao corte dos rabichos. Depois de (3), o locutor continua com seu relato biográfico.

A função da construção tipo "cabeça de Janus", neste contexto, parece óbvia: ela permite ao locutor responder a duas perguntas em uma só sentença: "quando foram cortados os rabichos na China?" e "quando você nasceu?". A coincidência temporal dos dois eventos é utilizada para reconduzir o tópico da conversação ao relato biográfico, permitindo ao mesmo tempo uma otimização da coerência relativa ao tópico anterior, ou seja, o corte dos rabichos. A fim de apreciar as vantagens estratégicas desta solução, temos que levar em conta algumas das exigências fundamentais que regem a conversação. Numa conversação comum, duas questões estão sempre presentes: a) a coerência e a relevância da contribuição presente face aos enunciados imediatamente precedentes, e b) a questão de quem tem o direito à palavra e de quando outro tentará tomar ou tomará a palavra. O efeito da segunda questão sobre o desempenho dos locutores varia segundo o grau de competição pela palavra, que depende, entre outras coisas, de quão animada é a conversação, quantos dela participam, e quais os estilos de fala de cada um dos participantes. Uma conversação múltipla bem animada - como no caso de (3) - é certamente uma ocasião em que os participantes não podem ignorar a luta pela palavra, se é que desejam fazer uma contribuição conversacional tendo mais do que uma extensão mínima. A formulação das contribuições conversacionais, em geral, demonstra uma grande sensibilidade a estas exigências. As fronteiras de sentenças podem ser pontos arriscados, no que diz respeito à possibilidade de competição pela palavra. Isto faz com que os locutores que desejam manter a palavra tratem de evitá-las, ou tomar outras medidas que garantam sua possibilidade de continuar a falar. Embora a *completação de sentença* não seja, em si mesma, nem condição necessária, nem suficiente, para uma transição *legítima*, ela pode aumentar o risco de uma mudança indesejada de locutor. Portanto, responder a duas perguntas em uma só sentença pode ser vantajoso, deste ponto de vista.

Vejam um outro exemplo, que não apenas ilustra a forma pela qual os mecanismos de tomada de turno são levados em conta, mas também mostra double-bind genuíno, de tipo *semântico*.

O locutor está guiando seu carro, acompanhado de sua mulher, dirigindo-se a um local com uma vista excepcional. Ele lhe tinha dito que tinha estado ali uma vez, mas que não pudera ver a paisagem famosa por causa de nevoeiro espesso:

13. ik hoop dat ik 't / deze keer / kunnen we 't hopelijk wel zien
'eu espero que eu possa / desta vez / podemos nós esperançosamente bem ver'

A estrutura de (13) resolve o problema de como satisfazer a duas exigências contraditórias. Deze keer 'desta vez', que pressupõe contrastivamente uma ocasião anterior, só faz sentido para o próprio locutor - e não para sua mulher, que jamais esteve lá antes. Mas, se ele expressasse a esperança de ver a vista maravilhosa só para si mesmo, ele poderia ser considerado egoísta ou mal-educado. Certamente, ele poderia ter começado com uma formulação inteiramente diferente. Mas, uma vez que entrou por esse caminho, a mudança brusca que sofre a sentença graças à construção com double-bind lhe permite ser correto tanto relativamente aos fatos, quanto às regras de polidez e consideração na interação. Ele corrigiu o erro inicial antes de concluída a sentença, isto é, antes de que uma resposta desfavorável ou uma correção iniciada por seu interlocutor pudesse ocorrer. Este exemplo ilustra de forma excelente o controle que tem o locutor de sua própria produção da enunciação, e a antecipação de problemas possíveis, que podem então ser evitados antes de surgirem. Ele mostra que, ao iniciar uma sentença, não temos sempre uma idéia completa do desenvolvimento da enunciação e de todas as suas implicações. Mas a flexibilidade da sintaxe conversacional e nossa (de todos!) criatividade nos permite evitar um grande número de 'acidentes'.

Uma outra função da estrutura double-bind tem a ver com a exigência, já mencionada, de coerência em uma conversação. Sentenças com double-bind costumam ocorrer no início de um turno conversacional. Esta é a fase em que é preciso mostrar que a tomada da palavra tem uma justificação. Isto é feito principalmente tornando claro que o que vai ser dito está diretamente relacionado com o que foi dito antes. Entretanto, além da necessidade de indicar que as exigências contextuais estabelecidas pelo locutor anterior estão sendo satisfeitas, o locutor que tem a palavra tem que chegar o mais rapidamente possível ao essencial do que deseja dizer em seu turno. Por isso, em muitos casos o locutor começa indicando seu acordo ou fazendo um breve comentário sobre o que foi dito no turno anterior, e então liga seu próprio 'negócio' a isso, de uma forma tal que pareça o mais intimamente vinculado possível. Dependendo do grau de discrepância entre o essencial do turno anterior, e o do turno presente, obter tal coerência pode exigir uma construção habilidosa - sempre que o locutor deseje submeter-se a tal exigência. Em (3), por exemplo, tanto a referência para trás como a deferência são obtidos, assim como a suave mudança para a história 'principal', que mal havia começado. Se a discrepância em conteúdo entre a primeira parte do turno, orientada para trás, e sua mensagem principal for considerável, e ainda assim a aparência de coerência consegue ser formalmente mantida, pode-se falar de uma estratégia conversacional que chamarei de 'contrabando'. Este termo deve ser entendido sem

sua conotação pejorativa, já que se trata de um mecanismo conversacional muito comum: o locutor começa com um elemento introdutório muito coerente e 'legítimo' - preferivelmente uma manifestação de acordo - e então continua por outro caminho sem qualquer indício explícito da falta de coerência. Evidentemente, uma demarcação rígida entre uma continuação do turno 'contrabandeada' e uma continuação normal, mais dentro das expectativas, não pode ser traçada, principalmente devido ao caráter variável dos limites daquilo que pode ser considerado como coerência suficiente.

Em (14), a construção especular poderia ser encarada como um desses rearranjos pequenos, que não têm a ver com o conteúdo, mas apenas com a estrutura tópico-comentário da sentença:

14. /falando do gato de M, que mora embaixo; mas vem para cima às vezes para pegar ratos/

D: nu zie ik 'm zie zie ik Bommel minder vaak hierboven

M: hm

D: maar 'n tijdje (.) toen was die d'r ook heel vaak

M: ja ja ja

M: hij snuffelde / beneden / was die erg ann het
snuffelen ineens 'k dacht nou daar heeft die ook wat ontdekt

D: 'agora eu vejo eu vejo Bommel menos frequentemente aqui em
cima mas há pouco ele estava também aqui muito frequentemente

M: 'sim sim sim ele aspirou / embaixo / ele estava aspirando
muito de repente eu pensei bem lá ele deve ter descoberto
alguma coisa

A expressão ja ja hij snuffelde está diretamente relacionada com a sentença precedente de D, à qual serve de confirmação. Mas, a partir de beneden 'aqui em baixo', torna-se claro que houve uma mudança de tópico: M está falando de ações diferentes e de um cenário distinto para a ação do gato Bommel, e começa a contar uma história sobre isso. A construção especular acima não só coloca o sujeito da sentença em outro lugar, mas também introduz o verbo em um aspecto diferente, criando assim uma transição suave da confirmação da história precedente à introdução de sua própria narrativa.

IV. Conclusões

Quero encerrar este artigo com algumas observações metodológicas:

1. A dimensão do tempo deveria ser reintroduzida, isto é, não mais se deve dela fazer abstração ao apresentar dados linguísticos. Isto nos permitirá tratar das estratégias perceptuais e formulacionais da comunicação de maneira mais realista e com maior poder explanatório. Além disso, nos permitirá explicar a relatividade e ver-

satilidade do processo de interpretação. Certamente, com isso se abrirá uma caixa de Pandora, já que seremos forçados a enfrentar a questão de como os participantes na comunicação conseguem 'virar-se' diante da dialética complexa entre o fluxo contínuo do tempo real e a suspensão momentânea do 'tempo-comunicativo', através da criação de uma segmentação interpretativa das unidades hierarquicamente estruturadas da comunicação (sentenças, frases), dentro das quais uma simultaneidade teórica prevalece. Ou então, falando metaforicamente, como transformamos um relógio analógico - o fluxo de sons da linguagem - em um digital, isto é, em unidades discretas que permitem uma análise estrutural. É prematuro esperar uma resposta a esta pergunta neste momento, mas creio não ser prematuro perguntá-la.

2. O que parecem ser erros ou defeitos da língua natural podem revelar-se ser, na verdade, soluções elegantes para as múltiplas complexidades e exigências contraditórias a que o locutor deve satisfazer no contexto específico de enunciação⁷.
3. A 'bagunça' da sintaxe da linguagem conversacional pode parecer um empecilho para o linguista acostumado a lidar com material limpo e purificado. Mas precisamente essas características são as que fornecem a flexibilidade necessária para satisfazer às necessidades funcionais da conversação natural. A consciência de tais exigências permite explicar vários fenômenos linguísticos, que até agora pareciam ser meros desvios da norma, ou formas arbitrárias do falar.

NOTAS

1. Esta pesquisa foi financiada pela Netherlands Organization for the Advancement of Pure Research (Z.W.O.), à qual agradeço. Agradeço também aos amigos, colegas e alunos que debateram comigo o tema deste artigo, assim como questões a ele relacionadas. Seria impossível mencionar a todos. Mencionarei apenas Emmanuel Schegloff e Bill Rittenberg, a quem devo as sugestões mais específicas e proveitosas. Agradeço também a Fred Erickson, cujo seminário na Michigan State University (East Lansing), em 1981, foi uma fonte importante de inspiração. Além disso, sou grato a meus amigos Brigitte Jordan e Stefan Weisser por sua ajuda generosa e constante apoio.
2. Com relação à análise conversacional em geral, assim como à sistemática dos turnos conversacionais (mais adiante, neste artigo), baseio-me no trabalho fundamental de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974).
3. Este fenômeno não se limita à sintaxe. Bill Rittenberg e Emmanuel Schegloff chamaram minha atenção para fenômenos semelhantes em fonologia. Ademais, convém lembrar que um fenômeno semelhante era conhecido em retórica tradicional sob o nome de 'apoloínu'.

4. Os exemplos (4), (5), (6), (10), (11) e (14) foram tomados de uma fita transcrita por Marca Schasfoort.
5. A respeito de 'correções' em conversação, veja-se Schegloff (1979).
6. Veja-se Sacks, Schegloff e Jefferson (1974:709).
7. Uma posição semelhante a este respeito é defendida, por exemplo, por Polanyi (1978) e Leonardo (1981).

BIBLIOGRAFIA

- FRANCK, D. e G. Franck (1985) "Time is money: Preparatory studies for an economic model of Conversation". Republicação, Instituut voo Algemene Literatuurwetenschap, Universidade de Amsterdam.
- LEONARDI, Paolo (1981) On imprecisely speaking (manuscrito inédito).
- POLANYI, Livia (1978) False starts can be true. Proceedings of the Berkeley Linguistic Society 4: 628-639.
- SACKS, H., E. Schegloff, and G. Jefferson (1974) A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. Language 50: 696-735.
- SCHEGLOFF, Ermanuel A. (1979) The relevance of repair to syntax-for-conversation. In Syntax and Semantics 12, ed. by Talmy Givon, 261-285.